

Sociedade, Comunicação e Linguagem

A contemporaneidade reservou um lugar privilegiado a algumas áreas do conhecimento e, dentre elas, a Comunicação ocupa um espaço singular. A constatação parece óbvia: como dizíamos na chamada desta edição, “a velocidade e a profundidade das mudanças contemporâneas têm desafiado diversas disciplinas a interpretá-las adequadamente, esforço nem sempre bem-sucedido em razão da complexidade desses fenômenos cujos sentidos e significações ainda estão por serem desvendados”. Nesses tempos desafiadores, expressões incorporadas à rotina (“sociedade global”, “mundo sem barreiras”, “terceira revolução industrial”, “novas tecnologias da informação e comunicação”, “mundo digital”, etc.) muitas vezes carecem de fundamento e conceituação, sob pena de soarem ocas.

O esforço aqui empregado consistiu em absorver a reflexão de pesquisadores de diferentes áreas com o propósito de melhor equacionar a diferença existente entre o conhecimento que se produz e as desafiadoras demandas advindas dos novos fenômenos sociais, comunicacionais e tecnológicos que marcam o tempo presente.

Evidentemente, desafio dessa monta não se esgota em uma edição, mesmo porque as engrenagens sociais, além de complexas, lançam mão de múltiplas linguagens e discursos que se transformam em conteúdos e significados igualmente diversos.

Nossa edição é aberta justamente com o dossiê *Sociedade, Comunicação e Linguagem*. Em *La convergencia mediática como ideología – algunas reflexiones sobre la evolución de la narrativa audio-*

visual en la era digital, o pesquisador espanhol Javier Marzal-Felici faz uma revisão do conceito de *re-mediación*, por meio do qual examina algumas práticas *transmedia* e *crossmedia* no cinema contemporâneo e analisa hibridizações e discursos de interdependências. No plano da estética e da semiótica, Marzal-Felici observa a clara hegemonia do discurso e da linguagem da publicidade. De forma complementar, sob a abordagem da economia política da comunicação, a ampliação das hibridizações discursivas e o fenômeno da convergência midiática se mostram claramente subordinados à ideologia dominante, o neoliberalismo de escala global. Para manter a fidelidade ao artigo, o texto foi mantido no original, em espanhol.

Na sequência, em *Duplicidades e contradições em Bernardo Carvalho: o estético e o político; o universal e o particular*, Jefferson A. Mello analisa o lugar de Bernardo Carvalho na literatura brasileira e no espaço literário mundial. Síntese de pesquisas realizadas no Brasil e no exterior desde 2006, o ponto de partida é a análise de um dos romances de Carvalho, *O sol se põe em São Paulo*, buscando relacioná-lo com os textos de crítica do romancista e, assim, lançar elementos para uma compreensão mais substancial do suposto projeto literário deste autor. Para Mello, a construção do romance e as referências adotadas por Carvalho explicitam a perspectiva cosmopolita deste autor.

Em *Os heróis do ensaio de Euclides da Cunha*, Ricardo Souza de Carvalho faz a releitura de um autor e de uma obra clássica da literatura nacional.

Embora tenha absorvido a representação histórica proposta por Carlyle, argumenta Carvalho, Euclides teria modificado essa matriz em razão do contexto nacional em torno do emblemático estudo do herói. Entre outras coisas, Carvalho ainda constata que o autor de *Os sertões* viu na imprensa um modo para o ensaio de suas ideias, espécie de esboço para uma obra mais acabada e, portanto, duradoura.

Seguindo essa senda de estudos literários em sua relação com a cultura e os fenômenos da vida social moderna, Marcel Verrumo analisa a obra do repórter Benjamim Costallat em *Jornalismo narrativo em tempos de Belle Époque*. O contexto do registro jornalístico se dá por ocasião do processo de modernização da então capital do Brasil, o Rio de Janeiro dos anos 1920. Nota-se que a observação arguta de Costallat é multissocial, lança sua lupa tanto às elites quanto aos estratos mais baixos. A linguagem erótica e o jornalismo sensacionalista são analisados com fina perspicácia no contexto da *Belle Époque*.

Origami científico: a linguagem das dobraduras no design contemporâneo, de Dorival Rossi e Samantha Teixeira, analisa as funções mais abrangentes assumidas pelo origami, ou seja, como este se expressa enquanto linguagem contemporânea aplicada aos processos projetuais. A conclusão dos autores é que o origami é dotado de uma funcionalidade tangível intrínseca que favorece o pensamento criativo.

Já na seção de *Artigos livres*, o pesquisador lusitano Francisco Pinheiro percorre o caminho da historiografia para interpretar o futebol como fenômeno midiático em *Portugal de calções – para uma gênese do desporto enquanto fenômeno mediático*. O autor analisa a emergência do futebol como fenômeno de massas e o comportamento da mídia desde sua formação, em meados do século 20, interpretando a proliferação de periódicos esportivos e futebolísticos daquele período. Em respeito à fidelidade ao original, o texto foi mantido sob a forma do português europeu.

Fechando essa seção, *Psicanálise, gênero e singularidade*, de Patrícia Porchat, percorre o panta-

noso terreno da sexualidade e do preconceito sob o olhar da psicologia e da psicanálise. O texto assinala que, cada vez, mais a psicologia em geral e a psicanálise em particular têm sido desafiadas a se manifestarem sobre as questões de gênero e de sexualidade. Normativo, o texto constata que a atuação desses profissionais carece de reflexão e explicitação sobre a concepção de sujeito que adotam, base a partir da qual a autora contesta as tendências à patologização e ao caráter reducionista da concepção binária de gênero.

Por fim, na seção de resenhas, Célio Losnak revisita o espinhoso tema da tortura em *Memórias de um criminoso*. O livro resenhado, *Memórias de uma guerra suja*, dos jornalistas Marcelo Netto e Rogério Medeiros, traz depoimento de Cláudio Guerra, um ex-agente dos serviços de repressão durante a ditadura militar (1964-1985). O resenhista destaca que há um farto material histórico sobre o tema, mas destaca a singularidade do relato de Guerra pela riqueza de detalhes e pelo indigesto tema do apoio que o regime autoritário recebeu de diversos segmentos da sociedade civil.

Finalmente, em *Futebol, política e religião: a vingança do reacionário*, Luiz Henrique de Toledo analisa o livro *O futebol em Nelson Rodrigues. O óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*, de José Carlos Marques. O universo rodrigeano e seus recursos hiperbólicos servem como referência para uma tentativa mais ousada que a “simples” interpretação do futebol, ou seja, na verdade haveria nesse empreendimento um esforço mais ousado de compreender a própria sociedade brasileira. Toledo observa que o trabalho de Marques, ao invocar a tradição barroca presente na crônica de Nelson Rodrigues, percebe que o futebol transcende qualquer definição reducionista e empobrecedora, instituição da mesma estatura que a religião ou a política.

Os Editores